



FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** Londres: Hogarth Press e Institute of Psycho-Analysis, 1930. Tradução de Joan Riviere

HERBERT, Marcuse. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Tradução de Álvaro Cabral. - 8. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

MAESTREO, V. **Escola tradicional X Escola humanista: algumas características.** <http://www.betocarrero.com.br/design/imagens/projetos-natureza/workshops/a-escolatradicional.pdf> Acesso em: 09 julho 2022.

MOLLICA, M. C; et. All. **O remoto no ensino de língua na pandemia da Covid-19- experimentação in vitro, experimentação in vivo.** Rio de Janeiro: Revista Linguística, volume 16. P. 817 – 850, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/43736>

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República.** Rio de Janeiro: DPA, 2001.

ZANETTI, M. A. **Política educacional e LDB: algumas reflexões.** 1997. Disponível em: <http://www.ifil.org/Biblioteca/zanetti.htm>. Acesso em 14 de julho de 2022.

“A FILHA DO SEU FILHO”: ENSINO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA PROFESSORA EMÉRITA CRISANTINA MONTEIRO DIAS – BARRO/CE (2010-2013)

Raurislandia dos Santos Pereira
Graduanda em História – UFCG/CFP
raurislandia.santos@estudante.ufcg.edu.br

Resumo: A presente pesquisa tem a pretensão de estudar a biografia de Crisantina Monteiro Dias, professora emérita que contribuiu para a educação e o desenvolvimento da cidade de Barro-Ceará. Nesse sentido, busca-se problematizar as obras *Memórias de*



uma Professora (2010) e *Fragmentos de uma História* (2013) escritos por Crisantina Monteiro Dias, de modo a compreender de que forma a professora realiza a construção da sua memória como docente, lecionando a disciplina de História apenas com o curso normal antigo. Ademais, objetiva ainda analisar a história de vida da professora, bem como refletir sobre o seu contexto social e compreender o momento em que emerge a figura feminina em sala de aula e a relação feita com a “tia” na contemporaneidade. Nessa perspectiva, a metodologia compreende uma pesquisa autobiográfica, de procedimento técnico bibliográfico e abordagem qualitativa, pautada nos aportes teóricos de Lejeune (2008), Scott (1995), Louro (2020) e Le Goff (1996).

Palavras-chave: Biografia; Autobiografia; Memória; Crisantina Monteiro Dias.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como finalidade realizar uma análise dos livros: *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragmentos de uma História* (2013) escritos pela professora Crisantina Monteiro Dias, bem como compreender as suas memórias construídas na atuação no ensino de História, na cidade de Barro no estado do Ceará. Destarte, objetiva ainda analisar a história de vida da professora Crisantina Monteiro Dias, assim como refletir sobre o seu contexto social e lugares de memórias e, por fim, compreender o momento em que emerge a figura feminina em sala de aula e a relação feita com a “tia” na contemporaneidade.

A professora Crisantina Monteiro nasceu no sertão cearense, filha de agricultores, viveu a infância na cidade de Barro e Aurora-CE, em seus livros ela relata às suas memórias e lembranças da infância, principalmente da casa grande, um casarão situado no Sítio Cumbe, construção antiga repleta de histórias e boatos da existência de um tesouro enterrado perto da casa, além de relembrar as brincadeiras de roda, cantigas e “histórias de trancoso”.

Entre 1945 até 1990, Crisantina Monteiro Dias exerceu a profissão de docência na cidade de Barro, tornou-se a primeira Secretária da Educação, além disso, exerceu funções de diretora e vice-diretora, permaneceu no magistério ao longo de 45 anos, até a aposentadoria compulsória em 1990. Ademais, a professora no ano de 1967, é eleita vereadora pelo voto popular, a primeira mulher do município que consegue a posse. No



mesmo ano é o seu casamento com José Dias Cabral (Ademir). A sua descendência consta de uma filha Liane Monteiro Teles, os netos Davi e Levi e o genro Roberto.

No campo da História e memória, a professora Crisantina Monteiro Dias escreveu em 2010, com 90 anos, o livro *Memórias de uma Professora*, escrito em formato de cordel relata e narra as memórias e experiências ao longo da profissão docente, além da relação com a família e amigos. Assim, a autora destaca que sempre manteve admiração pelo gênero popular cordel e após a leitura de um artigo no jornal decidiu reunir os seus escritos e lançar o livro.

O segundo livro lançado em 2013, a professora escreveu com 93 anos, intitulado *Fragmentos de uma História*, o qual aborda acontecimentos marcantes na História do município, desde o surgimento das primeiras escolas, crescimento econômico, saúde, religião e em outros setores da sociedade barrense. A História da cidade narrada ao longo do livro é construída de acordo com a visão da professora, visto que, a mesma vivenciou e construiu memórias em relação a sua vida e a formação da História do município.

Nesse sentido, o recorte temporal 2010-2013, refere-se aos anos de publicação dos livros, assim as memórias da professora foram produzidas/escritas no seu presente, mas são referentes ao passado, remetendo-se a uma outra época da sua vida, principalmente na atuação docente, sendo esse o foco do trabalho. Além disso, a metodologia compreende uma pesquisa autobiográfica, de procedimento técnico bibliográfico e abordagem qualitativa, pautada nos estudos de Lejeune (2008), Scott (1995), Louro (2020) e Novaes (1995).

Desse modo, o presente trabalho justifica-se pela importância de contribuir para a História local da cidade supracitada, além de reconhecer a origem dos primeiros passos da educação do município para o seu desenvolvimento. Ademais, porque se propõe a estudar sobre a atuação da professora e sua história, pois embora seja reconhecida pela população como a pioneira na educação e mesmo não sendo filha do Barro, o Barro é o seu filho, observa-se a ausência de pesquisas na historiografia da cidade de Barro sobre essa figura.



A HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA CRISANTINA MONTEIRO DIAS

Filha primogênita de pais agricultores, João Monteiro Filho e Honorata Monteiro de Jesus, Crisantina Monteiro Dias nasceu na cidade de Aurora- CE e com cinco anos, mudou-se para o município de Barro-CE. Em 1929 retornou para a sua cidade natal e concluiu a primeira e segunda séries primárias, no ano de 1942 finalizou o curso de Ginásio e o Magistério no Colégio Teresa de Jesus em Crato, escolhida oradora na sua turma de normalistas.

O livro *Memórias de uma Professora* (2010) foi publicado por Crisantina Monteiro com a idade de 90 anos, o livro reúne inicialmente algumas homenagens de parentes, amigos e ex-alunos. Ademais, a professora apresenta-se ao leitor contando a sua origem, o seu interesse por escrever versos em formato de Cordel e a sua vocação para a docência, assim ao longo do livro são narrados diversos momentos da sua vida, como alguns dos discursos e pronunciamentos, seguidos de versos escritos para os membros da sua família, amizades que construiu ao longo da vida e os alunos que marcaram a sua existência. Também estão presentes versos sobre as suas memórias e vivência durante a infância na sua cidade natal. Por fim, Crisantina escreve a sua autobiografia, contando a história da sua vida.

Fragmentos de uma História (2013) escrito pela professora com 93 anos de idade, inicia-se com algumas mensagens escritas por familiares, amigos e ex-alunos. A professora aborda ao longo do livro a história da cidade de acordo com a sua visão, assim ela conta o que vivenciou desde o surgimento da primeira escola, hospital, farmácia e a instalação da luz elétrica. Nesse sentido, com as suas memórias construídas ao longo do tempo a professora relata os principais acontecimentos na sociedade barrense, na política, educação e saúde, além de relatar o desenvolvimento das construções das estradas, o período das secas no Nordeste e os valores históricos com o destaque dos hinos, o nacionalismo e a apresentação de fotos dos principais eventos e construções da cidade.

Assim, por meio dos livros e das descrições de amigos, parentes, colegas de trabalho e ex-alunos, é apresentada uma Crisantina Monteiro humilde, corajosa e que lutou contra as dificuldades do período para promover o avanço da educação e da sociedade. Por meio dos seus livros é possível entender a sua atuação no meio social a



partir das amizades construídas ao longo da sua vida, bem como no setor da educação ocupando os cargos de professora, diretora e vice-diretora e na política, eleita vereadora.

Portanto, por meio da análise da sua memória pode-se compreender alguns dos acontecimentos marcantes na história do município, como a visita dos Rodonistas em 1977 e 1978 narrado no livro *Fragments de uma História* (2013), os quais eram universitários de Brasília que através do Governo Federal realizavam palestras sobre educação, saúde, higiene, culinárias e outros temas. Tal grupo foi recebido com entusiasmo e amizade e como forma de homenagem Crisantina Monteiro escreveu um cântico em seresta de despedida aos Rondonistas, percebe-se, com isso, que a professora era uma personagem pública presente nas questões sociais da cidade.

No contexto da educação, Crisantina Monteiro em 1942 finaliza o curso normal no Colégio Santa Teresa em Crato-CE. Em seguida, começou a lecionar em escolas auxiliares do Estado, entretanto, somente em 1945 é nomeada em cadeira destinada a diplomadas, iniciando a tarefa árdua do ensino em um contexto precário. Em 1957 é construído o primeiro Grupo Escolar nomeado Valter Sá Cavalcante, assim com o aumento de professoras diplomadas, Crisantina Monteiro torna-se diretora das escolas Valter Sá Cavalcante e Justino Alves Feitosa, momento da sua aposentadoria em 1975, entretanto é novamente nomeada pelo Estado, exercendo o magistério por mais de 40 anos, até a aposentadoria compulsória em 1990.

Diante disso, nota-se que Crisantina Monteiro vivenciou o desenvolvimento da educação no município e contribuiu de forma significativa para o avanço das escolas, uma vez que ocupou o cargo de professora do primeiro Ginásio Santo Antônio, criado pelo Padre Frei Hermano Stúdart, instalado em uma residência da família Feitosa. Com o crescimento no número de alunos surgiu a necessidade da nomeação de novos professores, assim mesmo com as dificuldades o Ginásio contribuiu para a formação de muitos barrenses.

Ademais, houve a criação de novas escolas, em 1975, instalada a Escola César Cals, com a mudança no currículo do Ginásio os professores precisaram adquirir novos conhecimentos, com o uso do livro didático. Dessa forma, no livro *Fragments de uma História* (2013), a professora descreve que desde a sua infância sempre gostou de História, a disciplina favorita enquanto estudante e também para lecionar, a História



conforme afirma a professora “nos leva a viver épocas diferentes, constituindo-se uma grande fonte de informações e conhecimento” (DIAS, 2013, p.123)

Por conseguinte, em janeiro do ano de 1967, Crisantina Monteiro toma posse como a primeira mulher eleita vereadora da cidade de Barro, é eleita pela Arena (Aliança Renovadora Nacional), ocupando o cargo de primeira secretária da câmara, portanto, a mesma registrava as sessões no livro de atas de 1966 a 1973. Outrossim, em 1976 ocorreu a inauguração da Biblioteca Municipal Crisantina Monteiro Dias, construída durante a gestão do prefeito João Tavares Neto e entregue pelo prefeito Aurílio Cardoso de Lima, no ano de 1977 torna-se a primeira Secretária da Educação do município.

Além disso, assumiu a secretaria do Clube das Mães em 1978 e em 1986 proferiu discurso durante a inauguração da primeira emissora de rádio no município, assim ao longo da sua vida a professora participou ativamente da educação do município e nos setores da cultura, política e religião, recebendo troféus como a comenda de figura notável pela Câmara Municipal do Barro e festas em homenagem. Ademais, cabe destacar que em 2005 ela escreveu a síntese da Educação da cidade desde o ano de 1930 para o primeiro plano Municipal de Educação, nos anos de 2010 e 2013 publicou os seus livros, em 2019 ocorreu o lançamento do seu centenário e no mesmo ano o seu falecimento. Em 2020, foi o ano do seu centenário com o tema: A filha do seu filho.

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA

Os livros escritos pela professora Crisantina Monteiro são textos autobiográficos, pois de acordo com as suas memórias ao longo da vida a professora realiza a escrita de si. Assim, de acordo com Philippe Lejeune (2008), a definição da escrita autobiográfica seria como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14). Nesse sentido, durante a escrita autobiográfica, o autor realiza um pacto com o seu leitor, na forma em que a obra é tratada durante a escrita ou leitura, assim para que o pacto possa ser realizado é necessário seguir com algumas regras: autor e obra com o mesmo nome, a escrita em primeira pessoa, entre outras regras aplicáveis na construção do texto autobiográfico.



Logo, para Lejeune (2008) em uma autobiografia o narrador é o personagem principal e a narrativa é retrospectiva, bem como exige a identidade entre o autor e o personagem. Além disso, o autor discute a relação entre a biografia e a poesia, ou seja, aborda autobiografia tradicionais que narram acontecimentos da história de vida dos seus autores e que são escritos em forma de versos, assim o autor aborda que:

(...) A poesia não está em toda parte, a autobiografia também não. Uma pode ser instrumento da outra. Não há mal nenhum em reconhecer que são duas coisas diferentes e, ao mesmo tempo, admitir-se a possibilidade de que têm muitas interseções. Pode-se tomar o termo autobiografia num sentido amplo e vago, ou estrito e preciso. Assim como a poesia. (LEJEUNE, 2008, p. 88).

Outrossim, o filósofo Michel Foucault com o seu texto “*A escrita de si*” (2006), apresenta reflexões importantes sobre a atuação da escrita de si durante a história e formas para o seu desenvolvimento. Assim, o autor define a escrita de si como a forma de escrever para si e para o outro, bem como seria responsável por suavizar os perigos da solidão, por permitir uma nova visão do que foi visto ou pensado. Ademais, Foucault (2006) discute que as correspondências, os cadernos de notas e diários são exemplos da escrita de si, pois aborda os registros dos pensamentos, ações e sentimentos do autor, com a finalidade de ser um desabafo para o escrevente. Nesse sentido, a escrita de si desenvolve-se a partir das correspondências e os *hypomnemata* que são considerados os cadernos pessoais que eram utilizados para anotações, contendo citações de obras e servindo como um guia de conduta. (SANTOS SILVA; MOREIRA, 2016, apud FOUCAULT, 2006)

Para Angela de Castro Gomes (2004), há um grande interesse pelo gênero escrita de si, como os diários, as correspondências, biografias e autobiografias, o uso de memórias ou entrevistas de histórias de vida, também são consideradas escritas de si. Segundo a autora, a produção de si no mundo ocidental iniciou-se a partir da relação do indivíduo com o mundo moderno e os seus documentos. Dessa forma, a escrita de si pode ser considerada tanto como um conjunto de ações ligadas a escrita propriamente dita ou com a construção da memória de si, na maneira de recolher objetos materiais com ou sem o objetivo de resultar em coleções.



Além disso, a autora destaca a escrita de si e a sua relação entre o texto e o autor, de modo a defender o entendimento de que o texto é uma forma de representação do seu autor e que o autor é uma invenção do seu texto, pois a sua subjetividade é o produto da sua narrativa, capaz de construir sobre ela a “sua” verdade, [...] ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade”” (GOMES, 2004, p. 14)

Diante do exposto, o primeiro livro publicado por Crisantina Monteiro *Memórias de uma Professora* reúne diversos textos em versos de cordéis, que foram escritos em diferentes momentos da sua vida. Assim, no início da obra estão presentes alguns dos seus discursos realizados em ocasiões diversas, como de oradora da turma de normalistas, os pronunciamentos na posse de vereadora, na inauguração do Grupo Escolar Justino Alves Feitosa, entre outros. Além disso, a professora escreveu versos para os seus familiares, bem como aos amigos e ex-alunos. Desse modo, em suas considerações a professora apresenta-se ao leitor, destaca que desde jovem sonhava em escrever um livro contanto as suas memórias, e com o passar dos anos essas memórias tornaram-se tão nítidas que a mesma resolveu materializar essas ideias e colocá-las no papel, também graças ao incentivo dos seus familiares e amigos. Nesse sentido, para compreender a sua atuação docente por meio das memórias presentes nos livros, faz-se necessário entender a sua formação para o magistério durante o curso Normal no Colégio Santa Tereza em Crato.

Nessa perspectiva, de acordo com Torres e Oliveira (2019) após a criação dos conventos, as escolas de ordens religiosas recebiam moças para a formação católica, ocasionando na exclusão e gerando prejuízos para a mulher na educação, visto que, muitas meninas tornavam-se analfabetas, com uma educação apenas voltada para o lar, com o exercício das tarefas domésticas e de conduta, uma preparação para o casamento ou se seguirem o “casamento com Deus”. Diante desse cenário, ocorre a fundação da Congregação das Filhas de Santa Teresa em 1923, pelo bispo da Diocese de Crato, D. Quintino de Oliveira e Silva, com o intuito de cuidar da educação das jovens da região do Cariri, criando também o Colégio Santa Teresa de Jesus, no qual a professora Crisantina Monteiro realizou o curso Normal.



Dessa forma, a criação das escolas normais no Brasil ocorreu a partir do século XIX durante o período da República, haja vista a necessidade da defesa da laicidade do ensino, além do fim do poder da Igreja Católica, assim as primeiras escolas foram construídas em Niterói no ano de 1835, na Bahia em 1836, no Ceará em 1845 e em São Paulo em 1846. Com a criação dessas instituições ocorreu o desenvolvimento da formação dos professores no país, sendo responsáveis pela propagação dos saberes, das normas, técnicas e instruções aos docentes que atuavam no ensino primário. Ademais, com a feminização do magistério primário, essas congregações exerciam uma formação mediada pelas condutas da ética, religião, estética e ao treinamento para o lar, ou seja, para as funções naturais da mulher, sendo mãe-professora. (TORRES; OLIVEIRA, 2019)

Além disso, Novaes (1995) discute a representação das Escolas Normais como uma das poucas oportunidades destinadas para a mulher, atraindo inclusive moças de famílias da elite que buscavam apenas elevar o grau de escolaridade. Nesse sentido, essas escolas cumpriam a função de formar profissionalmente as mulheres e também como boas mães e donas do lar, assim o magistério passou a ampliar as atividades maternas, sendo reconhecida como uma profissão essencialmente feminina, e a única aceita pela sociedade para a mulher. Logo, em algumas passagens do livro *Memórias de uma Professora*, Crisantina Monteiro destaca a sua escolha em seguir a profissão docente pela vocação, a responsabilidade pela aprendizagem dos estudantes e incentivá-los para realizarem os seus sonhos, além de destacar o salário inferior do professor, a desvalorização e a necessidade em continuar lutando pela educação.

Conforme ilustra os seguintes trechos:

Sempre me senti vocacionada a profissão de professora, por isso procurei exercê-la com muito devotamento, tanto como professora, como quanto diretora e vice-diretora. [...] Jamais esqueço que ao chegar na sala de aula encontrava os alunos com os olhinhos brilhando, muito ansiosos por aprendizagem, logo o meu papel era, além de lecionar, incentivá-los a prosseguir e perseverar até realizar seu sonho, fosse alcançando uma formatura ou outra possível carreira a que se sentisse inclinado, e que viesse suprir suas necessidades vitais o que advém sempre dos conhecimentos básicos adquiridos nos bancos escolares. (DIAS, 2010, p. 18).

Sempre vi, com certo constrangimento, a desvalorização do professor e acho que a remuneração não compensa o árduo trabalho, mas vi



também que não é só o dinheiro, mesmo imprescindível, que faz os professores realizados, e que a educação precisa avançar para formar cidadãos que possam contar com uma nova geração mais feliz em que o crescimento chegue para todos. (DIAS, 2010, p.19).

Infelizmente isso não ocorre em nosso país, onde há muita corrupção principalmente nas instâncias políticas superiores, contudo não devemos perder as esperanças, mas continuar lutando para obter essa conquista. Tudo nesse mundo é transitório, o tempo leva, o tempo traz. (DIAS, 2010, p.19).

Diante disso, por meio das citações pode-se destacar o valor que a educação representava para a professora, e a sua escolha em seguir a profissão pela vocação de partilhar conhecimentos, mesmo observando com constrangimento a desvalorização docente na sociedade. Dessa maneira, a opção em seguir a carreira docente pela professora está relacionada segundo a visão de Louro (2020), que compreende o magistério como a “extensão da maternidade”, visto que, seria um exercício realizado principalmente pela tendência natural da mulher, por seu destino maternal. Logo, cada aluno era visto como um filho “espíritual”, “[...]para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem “vocação”.” (p.450) Assim, durante a formação das professoras, elas aprendiam atividades ligadas ao lar, ao afeto e o exercício da maternidade, porém outros assuntos sobre os setores da política e da religião não eram estudados, pois eram considerados “contra a natureza feminina”.

Ademais, o livro escrito por Crisantina Monteiro *Fragments de uma História*, publicado em 2013 reúne alguns dos principais acontecimentos ao longo da história da cidade, como o progresso da educação, saúde, religião, cultura e o crescimento econômico, além de destacar ao final as fotografias das primeiras construções e dos desfiles cívicos na cidade. Assim, a professora destaca o papel importante do Mobral (Movimento Brasileira de Alfabetização), ação do Governo Federal que visava a construção de escolas nas residências na zona rural para o ensino da população que encontrava dificuldades para frequentar as escolas no centro da cidade. Em uma passagem do livro, a professora relata a sua experiência em fazer parte do programa:



Fiquei um tanto emocionada, recordando aqueles tempos idos em que a escola era tida como um relicário sagrado de ensinamentos, ambiente de respeito, de ordem e disciplina em que todos se sentiam felizes em frequentá-la com interesse de sair da escuridão do analfabetismo e marchar para a luz do saber. Talvez este incidente tenha me incentivado a escrever sobre esta produção de ensino em nossa terra que foi muito benéfica, além de ensinar a ler, ainda graduava os seus alunos com um diploma de Mobralista. (DIAS, 2013, p.28).

Em outro momento do livro, Crisantina descreve as comemorações cívicas do dia sete de setembro, iniciando com um breve resumo sobre História do Brasil, desde o “descobrimento” até a independência, a professora relata os detalhes do desfile preparado pelas escolas do município, empenhados em realizar o melhor desfile, as professoras com o auxílio do livro didático, procuravam as figuras históricas que seriam destacadas no desfile, como o bandeirante. Participavam das festividades carros alegóricos, e os personagens principais como os abolicionistas, princesa Isabel e a figura de D. Pedro para pronunciar independência ou morte. Dessa forma, para a professora esse desfile é uma festa patriótica.

Sei que não podemos mudar as ações do tempo, nem estabilizar a ordem dos costumes, mas há sentimentos que não se pode deixar de preservar. Cultivar as raízes nacionais, a memória dos nossos antepassados heróis, é a maneira digna de exercitar o patriotismo. Exaltar, defender e amar a Pátria é dever de todas as gerações passadas e presentes como referência ao futuro. (DIAS, 2013, p.45-46).

Segundo a professora, hoje em dia a sociedade trata o dia sete de setembro apenas como um feriado qualquer, apenas de lazer e segundo Crisantina Monteiro é dever da escola zelar pelo sentimento de patriotismo e com o simbolismo que a data representa. Portanto, infere-se que ela era uma mulher que valorizava a pátria e esse sentimento de nacionalismo, desde os desfiles cívicos até nos momentos antes de iniciar as aulas quando os alunos cantavam o hino nacional, entre outros, pelos incentivos da professora.

Outrossim, em outra passagem do livro também estão presentes as memórias da professora durante o período que estudava no colégio Sta. Tereza, quando o professor de Português Aluísio Epitácio, como dever de casa pediu um texto de 15 a 20 linhas sem o uso de nenhum verbo. A turma ficou surpresa e tentaram fazer com que o professor mudasse de ideia, com a tentativa negada Crisantina procurou o melhor tema e conseguiu



escrever o texto sobre as secas do nordeste, intitulado “quadros do nordeste”, obtendo uma boa nota. Pode-se compreender que durante a sua formação, Crisantina dedicou-se com responsabilidade ao magistério, mesmo com as adversidades e desafios na caminhada.

Diante disso, por meio das citações destacadas dos livros, é possível compreender a forma em que Crisantina Monteiro entendia a importância da sua profissão para o desenvolvimento da educação na cidade, mesmo com todas as dificuldades e falta de investimento da época, permaneceu trabalhando com devoção ao seu ofício, contribuindo para a educação de crianças, jovens e adultos, com o objetivo de compartilhar o conhecimento de forma democrática, de qualidade e visando o futuro dos estudantes.

Além disso, a professora reflete sobre como o ambiente escolar era visto durante o seu magistério, os alunos compreendiam como um espaço de estudo, respeito e disciplina, visto as contribuições em que a escola fornecia na vida de cada um. Portanto, mesmo com a desvalorização do trabalho docente, o salário inferior e as dificuldades presentes na sociedade em que não permitia o reconhecimento da profissão, a professora Crisantina ressalta a sua experiência ao chegar em sala e encontrar os alunos ansiosos pela aprendizagem, momentos em que demonstravam o motivo pela sua escolha, a vocação ao ensinar.

A PROFESSORA EM SALA DE AULA E A "EXTENSÃO DA MATERNIDADE"

Ao longo do século XIX as mulheres começaram a ocupar as escolas como professoras, fato que gerou debates na sociedade, haja vista a responsabilidade de educar destinada a quem cientificamente possuía cérebros pouco desenvolvidos ou para alguns, o progresso da escolarização das mulheres era importante, visto o destino natural da mulher de ser mãe também seria ideal para a educação. (DINIZ; GOULART, 2019.)

Nesse sentido, o trabalho de Louro (2020) é fundamental para pensar o momento em que emerge a figura da mulher na sala de aula, momento alvo de várias discussões, para alguns seria errado transmitir essa responsabilidade para as mulheres, pois eram justamente consideradas despreparadas pelo cérebro com “pouco desenvolvimento”.



A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como "tipicamente femininas": paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um "sacerdócio" do que como uma profissão. (LOURO,2020, p. 450).

Além disso, de acordo Louro (2020) o processo de feminização também pode ser entendido como o resultado da intervenção e controle do Estado sobre a docência, como os conteúdos a serem estudados, horários e o salário, porém a perda da autonomia da profissão não pode ser compreendida pela entrada das mulheres ao magistério, visto a existência de múltiplos fatores e aspectos sociais que contribuíram para o processo. Outrossim, o magistério também foi ocupado pelas mulheres em grande medida pelos aumentos de vagas destinadas ao magistério e o pequeno número de homens que buscavam trabalhar com a docência, visto a opção em seguir em carreiras com os salários maiores e também com prestígio social. Nesse sentido, no livro *Memórias de uma Professora* durante o discurso como oradora, pode-se destacar alguns dos preceitos que estavam presente na formação da professora.

Sabemos que a criança tem espírito plástico e é capaz de incentivar-se por qualquer gesto do professor, assim sendo, o mestre bom e carinhoso ganhará muito cedo grande parte do coração infantil. Antes de tudo, a criança precisa ser compreendida pelo mestre. [...] Portanto, ser mestre é ter nos lábios a prece que dignifica, no pensamento a ideia que fecunda, produzindo frutos de valor e bondade. Ser mestre é possuir a abnegação dos fortes e num esquecimento de si mesmo, mergulhar-se em gestos de generosidade em favor do educando. (DIAS, 2010, p. 27).

Nesse contexto, é possível reconhecer uma formação para o magistério que valorizava a relação de afetividade entre professora e aluno, bem como os valores e ação que deveriam ser seguidas pelo docente, como o exercício da bondade e generosidade, além de renunciar a si mesmo em favor do estudante. Diante disso, conforme expõe Almeida (1998) era comum a aceitação da vocação e missão da mulher para o magistério, visto que essas mulheres compreendiam os benefícios, poderiam ser professoras e mães com a aceitação profissional e também com as bênçãos da Igreja Católica. Assim, foi amplamente divulgado na imprensa periódica educacional e feminina a vocação das mulheres em seguir o trabalho docente, além da profissão possuir um maior prestígio em



comparação com os trabalhos de governanta, parteira ou costureira, pois mesmo não sendo uma profissão um salário alto, ainda pagava melhor em relação aos outros trabalhos.

Outrossim, segundo a autora a feminização do magistério no Brasil ocorreu mediante várias causas, desde as transformações nas ideias da burguesia, as mudanças na sociedade destinadas ao trabalho remunerado exercido pela mulher, bem como a ascensão de uma ideologia que pregava a liberdade, a autonomia e a independência econômica, além das transformações ocorridas pela industrialização e a urbanização. Assim, tais fatores favoreceram o crescimento do movimento feminista com as suas reivindicações por melhores direitos educacionais, políticos e educacionais, sendo o magistério uma oportunidade profissional para obter independência e menos opressão. Dessa forma, Inácio, et al. (2009, p.07) ressalta que:

Ao consagrar a mulher professora por sua natureza materna capaz de professar na maternidade espiritual, interligava-se, concomitantemente, vida profissional e familiar. Este era o único caminho que se abria à possibilidade de uma ocupação para a mulher que não fosse só a do lar.

Diante disso, a feminização do magistério realizou-se por meio de um potencial de poder e de libertação, desafiando os preconceitos da sociedade, bem como a mulher ocupando outros espaços em que eram destinados apenas aos homens, assim a história do magistério primário feminino no Brasil é permeada pelas lutas das mulheres contra as ideologias patriarcais e como uma forma de resistência. Ademais, no livro *Memórias de uma Professora* Crisantina escreveu versos para os ex-alunos, dentre eles, faz-se necessário destacar os versos com o título: *Meu aluno trabalhoso* (2010).

Você, meu querido Fábio
De coração tão bondoso,
Mas um tanto trabalhoso
Quando no primeiro grau,
Fazia tantos, gracinhas,
Deixando a tia nervosa
E a classe em polvorosa
Com suas brincadeiras

Professora é como mãe,
Mesmo cheia de razão



Tem para o aluno perdão,
 Porém com toda energia
 Fazer séria advertência,
 Baderna não permitir
 Para o aluno corrigir
 E usar de consciência.
 (DIAS, 2010, p. 148).

Por meio dos versos, pode-se compreender a forma em que a professora atuava em sala de aula diante o aluno que não seguia o comportamento exemplar, ao narrar o fato de que o aluno de coração bondoso, mas que com as suas gracinhas, deixava a “tia nervosa”, bem como a representação da professora como uma mãe, na medida em que mesmo com a razão perdoa o aluno e ao realizar a advertência busca corrigi-lo.

Nesse sentido, ainda na atualidade no cotidiano escolar as profissionais da educação ainda são representadas pela figura da “tia”, uma forma da mulher mesmo em seu ambiente de trabalho manter uma ligação com a maternidade e o lar. Esse costume iniciou de acordo com Novaes (1995) no final da década de 50, quando as famílias da elite aprenderam a tratar as senhoras, e amigas dos seus pais de tias, como uma forma de facilitar o relacionamento com as crianças, na escola a criação desse hábito ocorreu quando as mães necessitaram entregar os seus filhos para as professoras, assim se referiam a professora como a tia boazinha e que já era conhecida da criança. Nesse sentido, Freire (2015, p. 20) destaca que:

Recusar a identificação da figura da *professora* com a da *tia* não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da *tia*, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valoração à *tia*. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental à *professora*: sua responsabilidade profissional de que a exigência política por sua formação permanente faz parte.

Assim, tratar a professora de “tia” é uma forma de manter o anonimato docente, além de perder constantemente a identidade profissional, pois a professora ao ser apenas a “tia” não é considerada como a profissional formada para o exercício da educação de forma política e democrática, no qual poderá contribuir para a manutenção dos estereótipos de que o magistério é uma profissão feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Mediante o exposto, o presente trabalho buscou realizar uma análise dos livros autobiográficos *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragments de uma História* (2013) escritos pela professora primária da cidade de Barro-Ceará, Crisantina Monteiro Dias. Além disso, objetivou compreender as suas memórias construídas na atuação no ensino na cidade, bem como analisar a história de vida da professora, e compreender o momento em que emerge a figura feminina em sala de aula e a relação feita com a “tia” na contemporaneidade. Ademais, a pesquisa justifica-se pela falta dos estudos na historiografia da região e principalmente sobre a atuação da professora na educação da cidade, sendo reconhecida pela população como “a mestre que entende a educação como a arte de todas as coisas”.

Assim, durante o trabalho foi visto a história de vida da professora Crisantina, filha de agricultores, que mesmo com as dificuldades da época formou-se no curso normal no Colégio Teresa de Jesus em Crato. Dessa maneira, esses colégios buscavam formar mulheres para o magistério, segundo uma formação ligada as atividades do lar e para a maternidade, logo ocorreu a feminização do magistério, considerada como uma profissão essencialmente feminina. Além disso, por meio das passagens dos livros, foi possível compreender a escolha da professora em seguir à docência pela vocação, o valor patriótico e simbólico em que ela atribuía para o dia da independência do Brasil, bem como a sua valorização pela afetividade com o aluno, a renúncia de si mesmo para o benefício do discente e a sua luta por uma educação democrática.

Portanto, ao longo dos livros a professora realiza a escrita de si através das memórias construídas desde a sua formação no curso normal, bem como durante a atuação em sala de aula, em um contexto social precário que necessitava de desenvolvimento e ampliação. Além disso, através da análise das suas memórias foi possível entender de que forma os conhecimentos e valores estudados durante a formação contribuíram e influenciaram para a construção do seu entendimento sobre o processo de educação, a relação professora-aluno e até mesmo ao descobrir a sua vocação para o ensino.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

DIAS, Crisantina Monteiro. **Fragmentos de uma História**. Barro: HB gráfica e editora, 2013.

DIAS, Crisantina Monteiro. **Memórias de uma Professora**. Barro: HB gráfica e editora, 2010.

DINIZ, Margareth; GOULART, Natália. A escrita autoral de mulheres professoras. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 21, n. 2, p. 395-415, 2019.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e escritos, vol. V: ética, sexualidade, política**. Trad. E. Monteiro e I. A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 141-157.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

GOMES, Angela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Editora FGV, 2004.

INÁCIO, Clarissa Betanio et all. Ser Normalista, ser Professora nos “Anos Dourados”: Memórias de Professoras Primárias no Triângulo Mineiro nas décadas de 1940-1950. **Anais do VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas em História, Sociedade e Educação no Brasil**. Campinas (SP): FE/UNICAMP, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. (Coleção Repertórios).

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, CARLA B. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 443-48.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária: mestra ou tia**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. 2010. p. 6167-6176.

SANTOS SILVA, Sheila dos; MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Escritas de si e espaço biográfico—revisão teórico-crítica. **Memento**, v. 7, n. 2, p. 15, 2016.



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

TORRES, Maria Nahir Batista Ferreira; Oliveira Kênia Edjane Beserra de. Uma história da profissão docente: o curso normal e as filhas de santa tereza. *Anais VI CONEDU*. Campina Grande: Realize, 2019.

ST 08 - MEMÓRIA, CULTURA E TERRITORIALIDADES

Coordenadoras:

Suzyanne Valeska Maciel de Sousa (PPGH/UFPE), Camila Sousa de Sena Araújo (PPGH/UFPE)

Neste Simpósio Temático pretendemos socializar pesquisas de diversas áreas que queiram discutir os aspectos da produção historiográfica que envolvem movimentos sociais, pois compartilhar é condição da vida pública, de forma que a luta para garantir direitos exige apoio da coletividade. Entendemos, nesse contexto, que a memória tem um papel primordial na ressignificação do passado, o qual é sempre atualizado pelas questões do presente. Temos como foco discussões que problematizem numa perspectiva interdisciplinar os sujeitos inseridos em questões de conflitos territoriais, relações de poder e/ou lutas de classes, com diálogos que abrangem a memória, a história oral, o patrimônio, a narrativa ou os discursos no processo de pensar a escrita da história nas mais diversas temporalidades.

LAMPIÃO ENTREVISTADO: AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS CONSTRUÍDAS PELO LÍDER CANGACEIRO

Wesley Rodrigues Dutra
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
wesley.duttra@gmail.com

Resumo: Em 4 de março de 1926, Lampião e os seus cangaceiros entraram na cidade de Juazeiro do Norte – CE, para se integrarem aos Batalhões Patrióticos e combaterem a Coluna Prestes que ameaçava os sertões do Nordeste brasileiro. Durante os dias que estiveram na cidade, os bandoleiros foram objeto da curiosidade da população local. Buscando um furo jornalístico, o médico do Crato, Otacílio Macêdo, conseguiu realizar uma entrevista com o “Rei do Cangaço”, sendo esta publicada no jornal *O Ceará*, no dia 17 de março de 1926. Objetiva-se no presente artigo discutir quais foram as representações elaboradas por Lampião sobre a sua vida e o cangaço. Para isso, tendo como base o método documental, utilizou-se como *corpus* da pesquisa a reportagem supracitada. Percebe-se que durante toda a entrevista Lampião buscou mostra-se ao público como uma vítima das injustiças sociais, alguém que precisou pegar em armas para honrar o nome da sua família e vingar-se dos seus inimigos. Ele fabricou uma